



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN 4 de Fevereiro de 2006 • Ano LXII • N.º 1615 Preço: € 0,30 (IVA incluído) Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 256752285 Fax 256753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Moçambique

Um refugiado

CHAMA-SE Mahomed ou Passion, o nome de que mais gosta, ou Paciência e, finalmente, Henrique que ganhou em Angola. Chegou a nossa Casa trazido pela Representante do Alto Comissário da ONU para os Refugiados. Foi por ela que soubemos como apareceu em Moçambique, mas muito mais com o passar dos dias no seu convívio.

É um rapaz inteligente, com um desenvolvimento superior para os seus 13 anos. Aos 4, tinha feito o pré-primário no Zaire e o restante no Zaire, em Angola e Zâmbia, porque as andanças pelo mundo foram já muitas. Agora, está com a oitava-classe feita. Pedimos-lhe que redigisse um texto para saber onde chegava a capacidade de expressão e a lusografia. Tem facilidade na organização das frases, não tem erros, como é vulgar na escrita dos nossos rapazes. Fala fluentemente o inglês, francês, português, swahili, e não tão bem o lingali, que é a língua materna, como comprovou um Padre Comboniano que nos visitou. Já pediu para contactar, pela *Internet*, com um amigo do Porto, cujo nome apenas sabe que é Jorge, e outra, em S. Paulo, chamada Cecília.

Pensa que os pais morreram em Lobumbacha, quando os aviões chegaram a deitar bombas e os soldados a metralhar toda a gente. «Eles não sabem se eu morri e eu não sei se eles morreram.» Não sabe como escapou e conseguiu fugir, indo para Angola. Aí não o

deixaram entrar em campo de refugiados. «Era a guerra de Savimbe», diz. «O povo fez para nós uma casa com paus e folhas. Quando requisitaram miúdos para a guerra tive de ir com outros para uma escola onde davam treino de disparar arma.

Entretanto, Mobutu manda que todos os combatentes miúdos entrem a combater e eu fui. Deram armas e bombas. Depois disseram: se você encontra seu pai tem de matar, não há família. Na floresta, só comíamos coco, nem água podíamos beber. O rio tinha água de sangue». Encontrou um tio que perguntou pelo pai, tirou-lhe a arma e a roupa e levou-o para Chipata. Passado tempo, o tio, que ganhava dinheiro com venda de armas, disse-lhe: «Prefiro ir entregar-me. Estou cansado desta vida». Ele respondeu: «Quero viver para ser pessoa». De noite vieram soldados para o matar, porque era traficante de armas e ele não sabia. Fugiu para a rua e «eu disse: viver aqui não quero, prefiro ser combatente. Andei 20 quilómetros» e pediu boleia para a sua terra ao primeiro

Continua na página 4

Calvário

A pedra

ONTEM, caminhava eu muito tranquilo numa das nossas alamedas, olhando as tílias esguias, de ramos sem folhas e já dormentes, preparadas para o sono de Inverno.

Repentinamente, tropecei, cambaleei, dei dois passos apressados, mas consegui ficar de pé.

Olhei para trás e lá estava ela, a pedra de granito, pequena embora, mas mais elevada do que as demais. Observei as restantes na calçada. Pareciam todas muito humildes, escondidas umas nas outras, dispostas a receberem os passos dos caminhantes. Só ela, levantada e orgulhosa parecia sorrir, mas estava muda e envergonhada com o feito: — Tinha-me passado uma rasteira. Era do tamanho das outras, mas de cabeça erguida provocava tropelias e quedas.

Prosegui mais acutelado o meu caminho, pensando no viver humano. Há tanta gente que também gosta de se erguer acima dos outros, de os fazer tropeçar e, por vezes, cair por terra. Julga-se superior, com mais posses, mais instrução, mais influência e padrinhos e menospreza quem anda fazendo pela vida no seu dia-a-dia. Se todos estivessem no seu lugar e posição, como as pedras humildes, sem se intrometerem na vida alheia, não haveria tantas tropelias no viver humano. Mas não, alguns gostam de se erguer sobre os demais para os fazer tombar.

Fiquei a gostar mais das pedras humildes e a apreciar a sua discricção com vontade de lhes pedir desculpa por ter de as pisar.

Bem insistia João, na Palestina, com os seus conterrâneos para que endireitassem os caminhos daquele tempo, mas poucos o ouviram. As pedras humildes ouviram a sua voz e o Mestre contou e conta com elas para fazerem os caminhos do Reino.

Padre Baptista

Praticando o Bem

Lugar da Obra da Rua

ATRAVÉS do telefone e do fax, chegou-me, há dias, uma grande aflicção.

É próprio da vida dos Padres da Rua acolher estas situações. Por isso se chamam da Rua, pois o que está organizado não aparece nestes ambientes.

Provinha de uma vila turística ribeirinha e referia-se a uma mãe

que, por causa da desorientação do filho, perdera o emprego e o rapaz corria o risco de ser posto fora da escola.

A gente ouve estas queixas, vindas de longe, mas não se fixa nelas. É importante para um juízo mais correcto o ir ver. Ouvir. Sentir o palpar do coração e fixar os olhos.

— Vou aí — disse eu às duas senhoras que, num gabinete semi-oficial, atendiam problemas referentes a crianças e jovens.

Marcada a hora e o local, deslocuei-me e, encontramos-nos. Primeiro os quatro: as duas senhoras, a mãe e eu; depois os cinco: também o David.

Estas histórias são fundas! Têm

anos e gerações. Não vamos fixar a sua idade.

O aspecto daquela mãe evidenciava amargura e, sobretudo, angústia — Não sabia que fazer à vida.

Enquanto os olhos se transformaram em fontes estancáveis de lágrimas, os soluços irreprimíveis tornavam imperceptível o seu desabafo.

Foi necessário esperar pacientemente, largos minutos, que as convulsões amainassem.

Ela sentava-se na cabeceira de uma mesa rectangular e eu, a seu lado.

O acolhimento é o primeiro remédio das doenças da alma!...

A gente debruçar-se sobre o abismo onde os outros gemem o peso impensável da vida é o primeiro acto de alívio.

Peguei-lhe no braço e fui-a acalentado com promessas de esperança.

Vive do rendimento mínimo que é de 283 euros e paga da renda da sua casa 400 euros/mês.

Quando, em Setembro, o filho foi para o quinto ano da escola, tudo começou a andar para trás. As queixas sobre o menor eram frequentes e ela viu-se obrigada a deslocar-se ao estabelecimento de ensino do filho, duas e três vezes por semana, por causa do seu mau

comportamento. O patrão não esteve com meias medidas, despediu-a. Era um trabalho clandestino por causa do rendimento mínimo. Não podia refilar nem as leis lhe permitem queixas. Hoje há muita mão-de-obra. E pronto. Estava a afundar-se num mar de dificuldades. Desde Dezembro que não pagava a renda da casa e, por lei, não podia receber mais nenhum apoio da Segurança Social. Na paróquia finara-se a Conferência Vicentina. Ninguém a ajudava.

Com a mão voltei a apertar-lhe o braço, segurando-a, pressentindo-me o mensageiro de Deus a socorrê-la.

— Vou pagar-lhe a renda da casa — disse-lhe com firmeza.

— O senhor não pode que é muito dinheiro. São 1200 euros!

— Posso, fique descansada. Nós não fazemos orçamentos. Não temos acordos com o Estado. Só nos acordamos com Deus. Ele nunca falha!...

Já mais serena, mandámos entrar o filho.

Aparentemente, uma criança encantadora! Aspecto inteligente, viva e tímida ao mesmo tempo. Onze anos!...

Fiquei logo preso à falha do processo educativo em que se desenvolve.

Continua na página 3

Setúbal

Uma senhora para Mãe dos nossos Rapazes

PENSEI ficar em silêncio e na expectativa, à espera de uma mulher que queira vir até nós para ser Mãe dos nossos Rapazes, especialmente dos que durante a semana vivem no nosso Lar de Estudantes. Pensei, mas mudei de ideias.

O silêncio, no devir da vida, nem sempre é uma atitude activa. Por vezes, é o refúgio de quem espera que outros façam o que cabe a si fazer. Por isso, decidi-me e cabe-me falar e dizer desta nossa necessidade.

Por ter aprendido do Mestre, fazer-te o convite para largares as redes em que pescas para ti e te faças «pescadora de homens», pescando-os para a Vida.

Nesta pesca, recolhe-se toda a espécie de coisas, boas e más, mas há nela uma grata promessa que terá cumprimento.

Quem se lança nesta empresa sabe, à partida, que escolheu a melhor parte da vida. Tem consciência

ou a convicção interior, de que descobriu o tesouro escondido.

Por isso, todas as dificuldades e renúncias vividas numa forma de vida assim, são suplantadas pela paz interior de não ter de procurar mais a necessária água que vence os desertos da vida.

Os Rapazes precisam de uma Mãe, presente em todas as horas do dia, que os auxilie quando saem para a Escola, que os receba quando chegam, e que os apoie enquanto estão em Casa. Que lhes diga o sim ou o não nos momentos de decisão. Uma senhora que seja deles e para eles.

Perder a vida para ganhar a Vida, é a promessa que está inerente neste convite. A iniciativa de o fazer não é nossa, é d'Ele — o Senhor da Messe.

Padre Júlio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE — «Temos ainda nos ouvidos e nos olhos o eco do tempo festivo que acabámos de viver. A celebração do Natal e o começo de um novo ano são datas marcantes no calendário da vida pessoal e colectiva, independentemente das condições e das circunstâncias em que ocorrem. E embora se possa dizer que, para muitos, em Portugal e através do mundo, estas datas não foram propriamente festivas, elas contêm sempre, em qualquer caso, razões suficientes para se renovar a esperança num tempo e num futuro melhor. É aliás esse o sentimento que se expressa nas saudações e nos votos que fazemos uns aos outros.

Temos de aceitar que estes votos não passam, às vezes, de rotina. Fazemo-los certamente com sinceridade, mas parece que não acreditamos muito neles. Ano após ano, as dificuldades pessoais ou colectivas permanecem, as ameaças à paz e à felicidade humana subsistem. Para além dos nossos próprios problemas, são as notícias sombrias que vamos recebendo a um ritmo que não parece abrandar. Sentimos que num mundo assim, é difícil manter viva a chama da esperança.

Mas a esperança não é apenas um sentimento. É uma virtude teológica que precisamos de guardar e renovar continuamente. A fonte original desta virtude é a fé, a fé num Deus que nasceu entre os homens e que continua presente no mundo...

A celebração do Natal é pois o tempo das três grandes virtudes teológicas: da fé, da esperança e da caridade. A fé num Deus feito homem dá-nos razões profundas para ter esperança no futuro dos homens, e dá-nos motivos de sobra para os amar a todos como irmãos, independentemente de quem são e do espaço em que vivem. Certamente, por isso, o tempo de Natal é o tempo das grandes manifestações de solidariedade humana...

Da revista «Escalada» do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo, Edição de Janeiro

PARTILHA — Fornos de Algodres, assinante 63041, «Tenho muita pena de não ajudar mais, pois a minha pequena reforma tem de se repartir por causas, a maior na família... Rezem por mim. Os quase 87 anos já me tiram coragem para a luta da vida, mas vou teimando na força do possível, embora a saúde atraiaço».

Assinante 21409, de S. Mamede de Infesta, 7,50 euros, «com um grande abraço», que retribuímos.

Amadora, assinante 63090, com vinte e cinco euros: «Em tempo de Natal, a azáfama própria da época, não me deixou enviar uma lembrança com muita amizade, sabendo que é sempre tempo de encontro e de partilha».

Agora, é do Algarve, assinante 11594, com um cheque: «minha pequena ajuda».

Outro, da assinante 33104, «resto d'O GAIATO para o mais que é pre-

ciso, talvez a farmácia para os Pobres da Conferência».

Lisboa, assinante 2560, «seguindo as vossas notícias com atenção, pelo que me incomodou a do canceroso com poucos haveres para os remédios, envio 500 euros para os medicamentos».

Da Lourdes, de Cacém, duas remessas, «migalhinhas do costume (30 euros)». Presença habitual, há muito tempo!

Do Porto, assinante 113, «com um bocadinho para a Conferência Vicentina de Paço de Sousa. Como já tenho 91 anos, espero que sejam os meus filhos a realizarem o meu sonho». Deus a ajude!

Assinante 5614, de Beja, 100 euros, «para O GAIATO e para os Pobres da vossa Conferência».

Madalena (V. N. Gaia), assinante 7745, remanescente do pagamento d'O GAIATO. E «os cumprimentos de Lise», que retribuímos com amizade.

Cinquenta euros, da assinante 72561, de Leça do Balio.

Coimbra, assinante 75692, «pede desculpa de mais não ser — apenas 20 euros — mas é o possível no momento, com pena minha».

A assinante 38885, de Moscovide, presente «para as vossas necessidades que são muitas».

Santarém, assinante 54686, com «muita pena de ser tão pouco!» Saudações fraternas, do assinante 11345, Rio Tinto, 100 euros. Trinta, do assinante 2984, dali também. A «partilha habitual da assinante 5963, de Paço de Arcos». Mais 50 euros, da assinante 72996, de S. Mamede de Infesta, «para o canceroso».

Aos nossos Amigos, votos de Santo Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CURSOS TÉCNICO-PROFISSIONAIS — Para que conste como testemunho de agradecimento às Escolas que acolheram alguns dos nossos Rapazes no ano lectivo de 2005-2006, em Cursos de Educação e Formação, damos conhecimento do elenco: Escola Profissional de Cinfães, Hotelaria-Restauração — Tiago («Pitinha»); Escola EB 2/3 de Paço de Sousa, Electricidade — Vítor («Botija»), Cláudio («Fininho»); Escola EB 2/3 de Paredes, Cozinha — Erickson e Alcides; Escola EB 2/3 Sobreira, Pastelaria-Panificação — Carlos Filipe («Chuchu»), Cláudio («Bolinhas») e Gil; Escola EB 2/3 Nicolau Nasoni (Porto), Jardinagem — Ângelo («Feijão») e Marco Paulo; Escola Profissional e Artística Árvore (Porto), Impressão Gráfica — André

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Janeiro, 55.200 exemplares

(«Gato»); Escola Secundária Infante D. Henrique (Porto), Madeiras e Mobiliário — Rogério, Informática — Agostinho, Hugo («Russo») e Flávio («Prezinho»); Escola Secundária Fontes Pereira de Melo (Porto), Electricidade — Fernando; Instituto de Emprego e Formação Profissional (Porto), Electricidade — Serafim.

Repórter X

TROPA — Um dos nossos Rapazes, «Teixugueira», voluntariou-se para a tropa e escolheu ir para paraquedista, em Tancos. Esperamos que lhe corra tudo bem e consiga os seus objectivos.

MUSEU — As obras no nosso Museu estão a correr com normalidade. Alguns resultados estão à vista. Esperamos que abra o mais rápido possível para que os visitantes possam apreciar as antiguidades da nossa Casa.

MATA — A Associação Florestal do Vale do Sousa e os nossos rapazes, como o «Bubu» e «Lampião», fizeram um óptimo trabalho na nossa mata, deixando-nos mais tranquilos na questão dos incêndios e, também, uma imagem mais agradável neste sector.

BENS ALIMENTARES — Têm vindo ajudas, como feijão e tomate.

Agradecemos, aqui, também às Paróquias e outros Amigos que nos ofereceram, na quadra natalícia, bens alimentares, que são essenciais.

A estes benfeitores, muito obrigado em nome da Obra da Rua e que Deus esteja sempre convosco.

Ricardo Cruz e Pereira

DESPORTO — Os Seniores receberam, no dia 17 de Dezembro, para fechar o ano, um Grupo de Velhas Guardas. Não foi fácil! Eles têm um toque de bola de quem sabe o que faz. Estiveram a ganhar por 0-1, mas os nossos Rapazes, graças à boa preparação física que têm, deram a volta ao resultado e fixaram-no em 2-1.

Neste jogo, fizemos questão de fazer alinhar uma velha glória do nosso futebol, como prenda de Natal: Nelito. Foi um senhor em campo e deu, mais uma vez, o exemplo dentro das quatro linhas. Quem dera que os nossos Rapazes lhe seguissem as pisadas. Tem uma só cara e uma só palavra. Não semeia discórdia, bem pelo contrário. Pedro, foi outro que, pela primeira vez, alinhou no nosso onze e deixou o seu carimbo. Marcou o golo da vitória.

No final, ao conversarmos com alguns dos atletas «adversários», não deixaram de dizer que: «...há jogadores na vossa equipa que, para além de jogarem como deve ser, têm postura e educação dentro das quatro linhas». No entanto, também foram dizendo: «...há um ou outro que precisa de corrigir certas atitudes. Não basta jogar, há algo mais importante». Fomos obrigados a engolir em seco! Demos um ar de riso, e... para não dar o braço a torcer, dissemos: — são muito novos! Sempre ouvi dizer que «pela boca morre o peixe».

Com dezassete jogos realizados até agora obtivemos: 13 vitórias; 4 empates e zero derrotas. 63 golos marcados e 37 sofridos. Para já, é positivo. Mas vamos ter jogos muito difíceis, até final da época. E grande parte deles fora de Casa.

Os mesmos Seniores, para iniciar o ano de 2006, receberam a Associação Cultural e Recreativa dos Barreiros a quem ganharam por 3-2. Um jogo bem disputado, muito embora impróprio para cardíacos, sobretudo na segunda metade do desafio, já que nos primeiros 45 minutos, a equipa da Casa estava a ganhar por 3-0.

Dois jogadores sobressaíram, pela equipa da Casa: «Gaiota», pelo seu esforço, humildade e espírito de sacrifício; pela equipa visitante: Nuno, pelo seu talento e rapidez. Aliás, o único lance em que a nossa defesa facilitou, ele marcou. Agostinho que entrou a substituir André, marcou um golo que mereceu os aplausos de todos os colegas de equipa e não só. O Barreiros não é uma equipa qualquer, pois o seu responsável, senhor José Manuel, para além de ser nosso Amigo, procura mantê-la sempre em actividade. É daqueles que gosta de trabalhar em prol dos outros.

Quanto aos restantes elementos, foi notória a quebra de ritmo, pelo facto de estarem parados três semanas.

Neste jogo, Teixugueira fez a sua despedida, já que foi para a tropa. Uma coisa é certa, para além de reconhecermos a falta que vai fazer, queremos desejar-lhe toda a felicidade do mundo, que bem merece, nesta nova etapa da sua vida. Deixa saudades... por tudo! Pela sua humildade, honestidade e carácter. Era conciliador e nunca levantava problemas.

Alberto («Resende»)

Setúbal

RAPAZ NOVO — Veio para cá um rapaz chamado Mário. Tem 14 anos e gosta de cá estar. Ele frequenta o 7.º ano, gosta de jogar a bola e é muito divertido. Esperamos que se dê bem na sua nova Casa.

DESPORTO — O «Joãozinho» organizou mais um jogo contra o Comércio e Indústria. Este jogo serviu de preparação para o Torneio Inter-Casas do Gaiato que começa dentro em breve. Esperamos, até lá, que venham mais equipas de fora jogar connosco.

Como estamos com falta de caneleiras, se alguma pessoa amiga as quiser oferecer... Agradecemos.

OBRAS — Já está pronto o bar do nosso Lar de Estudantes. Assim, os rapazes já podem ocupar o tempo na hora de almoço a ver televisão, jogar as cartas e tomar café.

NOVO TRACTOR — Comprámos um tractor para substituir o «carro» que estava a dar muita despesa. É um «Massey Ferguson» de tracção às quatro rodas com potência para lavrar as nossas terras. Esperamos que os rapazes estimem o novo tractor, porque não é para brincar.

VISITAS — Têm vindo muitas excursões visitar a nossa Casa, de várias escolas em visitas de estudo, para saberem como funciona uma Casa do Gaiato, o que nós fazemos e também para conhecer as nossas instalações. No final, há sempre um jogo de futebol contra os rapazes da Casa.

António Loureiro

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Acabaram-se as Festas. Festas para todos os gostos. Muitas, também, ditas de solidariedade! Apetece perguntar: — Onde vão parar os fundos provenientes delas?

Em tempos, ainda conseguíamos distribuir alguns víveres pelos nossos amigos. Mas, já há alguns anos que nem um pacote de manteiga conseguimos dar, ou um saco de arroz ou qualquer outro alimento, aos nossos amigos, proveniente de tais movimentos.

Sobre este assunto não resisto a transcrever uma passagem de Pai Américo, do livro *De como eu fui...*, na página 49:

«Naquela manhã, antes de sair de Casa, apareceu-me uma mulher do povo com uma pretensão. Trazia uma saca muito pequenina e dentro dela uma garrafa do mesmo jeito e explica: 'Era para fazer umas papinhas'. Chamei o Constantino para ir encher a saca de farinha e a garrafa de azeite.

— Oh mulher, para outra vez traga coisa maior!

— V. tem tanto a quem dar!
Oh comércio negro, abre os teus olhos e bate no peito, se és capaz de arrendimento! Se todos se contentassem com pouco, como esta mulher fez, haveria a suficiência no mundo.»

Pois é, nós temos a sensação de que é isto mesmo que se passa, ainda hoje: «Oh comércio negro!»

É por isso que o mundo, em que vivemos, continua sem o suficiente. Uns com tanto, outros com tão pouco. Uns, recebem as tais mercadorias e... «Oh comércio negro!» Outros, nada recebem, como é o nosso caso. E eles são tantos, os que estão à espera destas dádivas...

Sabemos que alguns ainda conseguem receber alguma coisa, apesar de todas as burocracias exigidas. Mas, também sabemos que outras são desviadas para outros fins.

Onde a fiscalização? Onde os castigos? «Oh comércio negro!»

Da nossa parte, há já alguns anos, nada conseguimos para os nossos amigos mais necessitados.

Pai Américo não queria nada com burocracias. Nós também não. Talvez por isso não conseguimos géneros de qualquer espécie.

Antigamente, ainda conseguíamos distribuir uns pacotes de arroz, manteiga, bolachas, etc. Agora, apenas o que nos chega, de boa vontade, dos nossos Amigos.

Desculpem este desabafo, mas, infelizmente, é a realidade das coisas. Resta-nos a consolação de pertencermos a Deus e que tudo o que fazemos Lhe agrade.

Não procuramos o nosso bem-estar à custa dos outros, quando Ele viveu no sofrimento. Porque lutarmos para que não nos falte nada, quando Ele nem sequer teve onde reclinar a cabeça.

Muito obrigado e que o nosso Pai Américo, lá do Céu, vos abençoe.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Olga e Valdemar

Praticando o Bem

Continuação da página 1

Salta à vista a falta do pai. O centralismo afectivo da mãe um exagero, que ele explora insaciavelmente.

Depois a pedagogia escolar, cujas leis feitas longe destas realidades, sendo muito bonitas, não resultam por falta de naturalidade.

O menor foi várias vezes suspenso das aulas por bater nos professores e funcionários. Agora, cumpre mais uma semana de castigo em casa.

Como seria útil para a sociedade, termos nas Casa do Gaiato um pólo das escolas normais para o 5.º e 6.º anos. Estes adolescentes perdem-se. Têm

necessidade de um ambiente mais curto e mais próximo de quem os ama.

A mãe não pode, de forma nenhuma, trabalhar.

Iremos levá-lo para a nossa Casa. Pode ser que os rapazes, no ambiente livre deles, o equilibrem. Se lhes bater, os colegas reagirão equilibradamente. Não se encolherão como os funcionários, com medo de um processo disciplinar, de perderem o emprego e o pão da família. Os rapazes instintivamente põem as forças no seu lugar com toda a naturalidade.

Espero aliviar a senhora daquele terrível peso e salvar-lhe o filho. É este, na sociedade também, o lugar das Casas do Gaiato.

Padre Acílio

DOCTRINA



Sem beleza ninguém educa

DIZEM não estar nada certo o aparato das casas da nossa Aldeia: «Nem nós as temos tão boas!» Lamentam-se que se vá buscar à rua a «Lama» para vivendas assim formosas. Há, ainda, um outro alarme que se deu no início da nossa instalação: «Quem tiver quintais que os cerque, por causa da gatunagem que lá vem». Ora nós gostamos de ouvir ralar. O mundo ralha de tudo e ralha sempre. Pena é que estes tais levem a sua modéstia a pontos de esconder as obras que realizam, p'rá gente também ter ocasião de ralar.

Vejamos se sai alguma coisa da discussão. Quanto à primeira, se fôssemos a retirar o «Lixo» para o lixo, seria uma simples transferência. Se do lixo para o luxo, seria miséria doirada. Optamos pelo meio termo: sol, vistas, sabão, conforto e beleza. Sim, beleza. Sem esta ninguém educa. A criança do tugúrio é uma pessoa humana, à semelhança de Deus. Esta verdade é todo um programa. Tem existido na sociedade uma tendência bruta para deixar no chão o que caiu. Agora, pelos jeitos, a tendência é outra: levantar. «Eleva o nível», como se diz em discursos. Já devia ter sido! Nisto, mostramos o nosso atraso. Pena é que tantos paguem!

QUANTO à segunda, «quem tiver quintais que os cerque» — outra «bota». O meu quarto de dormir é armado de quinquilharias e de lambarices. O pequeno chega das ruas e tenta-se. Furta. Mente. Torna a furta, torna a mentir — escola que traz. Pois muito bem. Os mesmos garotos, volvidos tempos, vão para o mesmo quarto, aos recreios, ler «A Bola», o «Sporting», o «Diabrete», o «Faísca», «O Gaiato» e outras notícias. Mandam-se para ali de propósito. Estão sós. Há lambarices. Há brinquedos. Tudo como dantes; só eles mudaram. Não furta — escola de amor. Eis o único remédio que os salva: chamá-los. Chamá-los para nós. Chamá-los para o nosso quarto de dormir.

DE uma vez uma fidalga topou na rua um «Farrapo» e deitou-o em casa, no seu quarto de dormir. O marido soube-o e vai, irritado, pô-lo na rua. Descobre. Aparece Jesus-Menino, nimbado de doçura! Outro programa. Ora os tais «trabalhadores» gostam de ouvir e de fazer barulho, sim; mas quando ouvem destas músicas, retiram-se. Pois meus senhores e minhas senhoras — quer ralhes, quer não, a disjuntiva fica: ou chamas agora a Criança abandonada, ou ela entra amanhã na tua casa, munida de pistola, para saquear e matar. Daqui não se foge. Já que dizem, também eu.

D. Amín. 5!

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Tribuna de Coimbra

As nossas preocupações

SÃO muitas as nossas preocupações; são de todas as horas e preenchem o desfiar de todos os dias. O grupo dos nossos Rapazes anda, actualmente, pelos cinquenta. Quando aqui chegámos, há década e meia, passava dos cem. Era um grupo demasiado grande, sentíamos nós então, e, hoje, reconhecemo-lo de facto. Assim não seria possível chegar a todos e a cada um como se requer para uma educação de qualidade, onde valha a pessoa. Mas o decréscimo do número traz também novas exigências. O ângulo de visão agudiza-se e percebemos outros desafios.

Uma das nossas preocupações maiores, e que é transversal ao grupo todo, é a preparação para a vida. Esta é uma realidade que nem todos entendem. A própria expressão é, para alguns, bastantes, algo de estranha, quando se abordam assuntos como a actividade escolar, o trabalho, o dinheiro, ou liberdade. Nós sabemos que o adolescente ainda não tem «passado». Atraído pelo fascí-

nio do desconhecido, esgota-se no presente como única realidade interperante. O imediato e utilitário encontram nele a maior sedução. É um factor psicológico de grande relevo que a nossa cultura actual estimula e fortemente explora. Basta pensar na «febre» dos telemóveis, nomeadamente nos problemas que o seu uso e abuso levanta, no âmbito da actividade escolar...

A actividade escolar está no centro das nossas preocupações. A tal preparação para a vida encontra nela uma mola propulsora. Contudo, ainda estamos longe de resultados satisfatórios. Houve investimento tecnológico, adequação de instrumentos, adaptações curriculares, mas faltam recursos humanos que os ponham em acção.

Verificamos que a aposta na formação profissional é um bom caminho. Para a maioria dos nossos, uma óptima solução. Parecemos até que esta aposta deveria começar logo no final do primeiro ciclo. Fazer logo, aí, uma primeira triagem e orientar e criar espaços;

disponibilizar recursos humanos e financeiros; uns e outros são indispensáveis. Da Educação depende o futuro de um povo, estamos todos cientes disso. Que se faça sacrifícios em outras áreas, nunca na Educação. A orientação para a formação profissional, já depois do segundo ciclo, muitas vezes, dá uma ideia de exclusão que o aluno assume, interioriza e não entende. Trata-se de um encaminhamento já em pleno contexto de insucesso escolar, norteado pelos resultados negativos mais do que pela descoberta de outras potencialidades, o que pode gerar algum sentimento de exclusão, de inferioridade. Colocar este encaminhamento como normal num percurso escolar de preparação para a vida, é urgente. A formação profissional deveria aparecer num contexto de sucesso e não de insucesso, como por vezes aparece. É evidente que isto passa por uma transformação de mentalidade em relação ao trabalho, ao valor educativo e humanizante.

Padre João

Miranda do Corvo

VISITA — Recebemos, em nossa Casa, um grupo de pessoas que fazem parte de um clube de *Subarus*. O seu nome é «Scoby PT», constituído, na sua maioria, por médicos que partilham ambas paixões: medicina e carros. A nós, trouxeram a beleza dos carros, a simpatia nos sorrisos e uma grande merenda para terminar a tarde, que foi passada a visitar a nossa Casa.

Um agradecimento por esta visita e atenção ao «pé pesado».

ANIMAIS — Já lá vai o tempo em que se anunciava em todas as quinzenas o nascimento de algum animal. Por cá, nasceu um cordeirinho, o que já não acontecia há largos meses. Foi no sábado. Vamos ver se aguenta o frio deste Inverno.

Também para os animais se fizeram obras. Na capoeira, que era somente dos patos, fizemos as alterações necessárias para aí, também, acolher galinhas nas devidas condições. Foi aberta uma porta para os patos acederem melhor ao largo e

erguida uma parede para proteger as galinhas do frio. Os animais ainda cá não estão, mas chegarão. O único receio é a gripe das aves, mas ainda não prolifera em Portugal.

JARDINS — Foram feitas alterações fantásticas aos nossos jardins, principalmente no da fonte. Foram cortados todos os arbustos de maneira a verem-se apenas os troncos, entre outras coisas. Depois, há que tratar melhor a relva, que já se encontra um pouco degradada. Faço lembrar que o jardim não é sítio de passagem. As alterações continuam, vai-se ver a «obra-prima» realizada pelo «Pinóquio», Pedro Caldas e os rapazes do Alternativo.

RAPAZES — O Manuel António concluiu, este mês, o curso de Informática que frequentava, na Escola da Padrelha, com a média de 16 valores. Agora, anda à procura de emprego. Tem como habilitações o 12.º ano, a carta de condução e, agora, este curso necessário nesta sociedade cada vez mais informatizada.

Sorte para o rapaz que já tem 21 anos e, agora, há-de entrar no mercado de trabalho.

Adriano

Casa do Gaiato de BENGUELA

Tempo de férias

O tempo corre com uma velocidade vertiginosa. Assim é. Ainda ontem começámos o ano e estamos já no fim e no início de outro.

Ao longo do ano passado, muitas coisas e bem variadas foram acontecendo na vida da nossa Casa. Umas mais positivas, outras menos, mas temos de aceitar umas e outras com uma certa serenidade, grandeza de ânimo com a certeza de que elas são permitidas por Deus. Tudo faz parte do nosso dia-a-dia. Então, com esta variedade de pessoas, tudo há a esperar.

Com o fim do ano chegou o tempo de férias. Como diz a

Sagrada Escritura: tempo para semear e tempo para colher. Neste tempo de férias os nossos rapazes que se esforçaram ao longo do ano, estudando e trabalhando, preparando o seu futuro, agora gozam umas férias merecidas.

Neste tempo de férias tivemos muitas actividades. Primeiro foi a preparação e a celebração da Festa de Natal. Foi uma experiência muito rica. Foi muito bonito ver os nossos rapazes entusiasmados na preparação do Natal. Eram as decorações no salão de festas e no refeitório, e era a alegria e ânimo nos ensaios dos cânticos para a

Eucaristia e do teatro para a parte recreativa. Tivemos também a preparação espiritual. Uma celebração penitencial e confissões. Foi um momento muito rico da nossa vida.

Depois da Festa de Natal e do Ano Novo, o grupo de rapazes que passaram de classe e tiveram bom comportamento ao longo do ano, foi passar alguns dias de férias na praia de Santo António. Foi um estímulo para que todos possam aprender e aproveitar bem o tempo que a Casa lhes oferece para se formarem como homens.

Padre Custódio

Malanje

Meditando

Campos férteis

HOJE, nos campos férteis desta grande Angola que dão tudo — arroz, batata, milho, ginguba, feijão e hortaliças — estamos comendo arroz, da China; feijão, da Argentina; milho, do Brasil, etc.

O PAM (organização internacional) fechou a mão. Ainda bem. Isto, em nossa Casa, nos faz semear campos de milho, batata doce e estamos preparando um campo para feijão.

Dar nem sempre é bom. Pode dar origem a uma preguiça e desinteresse pelo que é nosso.

Arrancar, com coragem, as populações das periferias das cidades e colocá-las em colonatos de campos férteis, seria maravilhoso!

No tempo colonial e nos campos próprios para arroz, cada família era obrigada a cultivar um hectare de arroz..., alguns dizem, escravatura..., porém, todos nós comíamos arroz de Angola. E também milho de Angola, batata de Angola e até queijo de Angola.

Angola inteira ficou um grande mercado onde quase somente se vendem produtos estrangeiros.

Uma multidão de jovens vende pentes, sabonetes e saquinhos de *whisky*!

Os campos férteis dão capim.

Os velhinhos ficaram sem forças para fazerem as mibangas e perderam o gosto de verem crescer o milho e o feijão...

As periferias das cidades, com fracas condições familiares, vomitam para as ruas meninos que se vão drogar e meninas que se vão prostituir...

Não façamos casas para eles e elas — vamos antes à raiz profunda e real do problema.

Casos de pobreza extrema

COM a ida a férias de alguns dos nossos rapazes, tomámos conhecimento de alguns casos de pobreza extrema. Dois dos nossos descobriram que suas avós, sua única família, estavam a passar fome. As forças faltaram para aguentar as suas lavras e a fome entrou. Combinámos, até vermos outra solução mais estável, que todos os Domingos lhe faríamos uma visita levando alguma comida.

Que bom se uma comunidade de Irmãs recolhesse estas velhinhas!

Que bom se a Caritas tomasse conta!

Para já vamos nós pôr este remendo em pano velho... Mas quantas velhinhas e velhinhos estão nestas condições?!

Quando um amigo me falou nos milhões em cada recolha nos postos de venda de diamantes... pensei, com dor, na injusta distribuição das riquezas.

Padre Telmo

Notas do Tempo

SÃO sempre muito ricos e belos os pensamentos de Pai Américo! Mas o que o Júlio apanhou e veio a fechar O GAIATO da quinzena passada é soberba amostra do perfil espiritual de um Obreiro do Evangelho que «vê tudo ao contrário do mundo — não sei se é dos óculos...» — como gracejou, tirando-os, em uma das últimas Festas no Coliseu em que esteve.

Não, dos óculos não foi que ele via assim. Foi de uns olhos identificados com os do Mestre que, no dia que Ele tinha preparado desde sempre, também o chamou a largar a barca e as redes que tinha manuseado até então e a segui-LO por caminhos de contradição de que Ele é o Sinal. O princípio destes caminhos, para quem aceitar o convite a segui-LO, é o «deixa tudo, desfaz-te do que tens e dá-o aos Pobres e toma a tua cruz (a que Eu tenho para ti) todos os dias». Chama-se abnegação. Uma palavra que assusta os pusilânimes que não reparam no prefixo e se fixam em negação. Mas o prefixo integra a palavra e também ele significa negação. Ora negação de negação é afirmação — é a afirmação dos que têm ouvidos de ouvir e alma grande para aceitar o convite a seguir o Mestre. Foi assim «naquele tempo», com Pedro e André, com Tiago e João (como nos recorda o Evangelho da Missa de hoje); e é assim com os Obreiros do Evangelho em todos os tempos. É impossível que o Mestre que Se faz companheiro dos homens de inteligência e coração perturbados por interrogações fundamentais, hoje, como nos dias da Ressurreição aconteceu aos dois discípulos de Emaús — é impossível que Ele não continue a revelar-Se e a chamar. Só que faltam ouvidos que oiçam e almas dilatadas num tempo em que o Mundo se presume do «maior», mercê das ciências e das técnicas que alcançou, mas permanece incapaz de responder às interrogações fundamentais do Homem, incapaz da satisfação global dos seus direitos fundamentais, o que seria a Justiça — e a paz permanece cada vez mais uma quimera que sempre foge a quem a persegue.

Não nos surpreende, pois, que a palavra de Pai Américo surja dissonante num mundo esvaziado de alma, obcecado pelo triunfo do corpo, do poder e da riqueza. Como pode ele entender este «gosto de sentir os trabalhos, os fiascos, as críticas, as humilhações, o medo», que são indispensável material de construção de um mundo melhor, «impossível, sim, de construir» mesmo que «haja muito dinheiro» a pretender substituir «aqueles elementos» que são valores perenes, estáveis, fecundos para todos os homens, sobretudo para os mais fracos e pobres, e por isso não cotados nas Bolsas de nenhum País? — só no Reino de Deus!

Não nos surpreende..., mas não nos anestesia no que concerne à reclamação do *direito à diferença*. Num mundo que se diz plural, respeitador das liberdades de pensamento — e o pensamento de pouco vale se não produz acção — deixem-nos ser quem somos: Palavra continuada de Pai Américo a dizer como se investe conforme à *Economia* do Evangelho, que não se estuda nas Universidades. Que a que se estuda nestas, não serve aos mais pobres, aos mais caídos da Humanidade, como descobriu o Professor Muhamad Yunus quando, regressado da poderosa e sábia e rica América do Norte onde foi mestre, mergulhou na realidade do seu Bangladesh de origem e se transmutou no «Banqueiro dos Pobres». E ele há tantos Bangladesh's por esse mundo além, se calhar a maioria das Nações, na expectativa, a que eu queria chamar esperança, de uma *Economia Nova* que até será velha de 2000 anos!

Padre Carlos

Benguela

Centro Médico inaugurado

HOJE, ao fim da manhã, tive encontro com os doentes. Foi na inauguração do novo Centro Médico, ao cuidado das Irmãs do Santíssimo Salvador. Esteve a funcionar, durante mais de 25 anos, num cantinho da nossa Casa do Gaiato. Muitos milhares de doentes, ao longo deste tempo, encontraram, ali, alívio para os seus males e o carinho maternal do coração das Irmãs. As parturientes, a qualquer hora do dia ou da noite, vinham em busca de refúgio para dar à luz, em muitos momentos de aflição.

Eram instalações provisórias. Agora, por iniciativa das Irmãs, novo edifício foi levantado. Outras condições foram criadas. Foi dado mais um passo em frente no caminho crucial dos doentes em busca da saúde perdida. É um sector da vida humana, aqui e agora, em situação aflitiva.

Estou feliz por ver a Igreja a fazer o que Jesus Cristo fez. O caminho do homem, que é o caminho das pessoas concretas, é necessariamente o caminho da Igreja verdadeira. A Igreja fundada por Jesus. A Igreja do Evangelho. Estou contente e quero partilhar convosco esta alegria. Os doentes são a porção muito querida da Obra da Rua. O ramo mais sublime desta árvore é o Calvário dos doentes incuráveis. Está, pois, no coração da Mãe Igreja.

Como foi possível esta construção? O Amor é capaz de tudo. Leva as montanhas à sua frente. Assim aconteceu com uma família da Alsácia, lá nos confins da França, bem perto da fronteira com a Alemanha. Tão longe! Mas o clamor inocente das crianças doentes; as lágrimas das mães que nada mais têm senão os filhos; os gemidos dos mais velhos que não podem andar distâncias; o murmúrio dorido do mundo dos Pobres, entraram no coração daquela famí-

lia. O resto foi a resposta pronta com o dinheiro necessário para a construção do edifício material. Hoje, Domingo, foi inaugurado. Amanhã, segunda-feira, atende os primeiros doentes. Os nossos lá estarão, também.

Depois deste momento grande, vou entrar numa roda-viva, como costuma dizer-se. Sinto, nesta hora, a força do provérbio bem conhecido: «Filhos criados, trabalhos dobrados». É verdade. Começarei, no início da semana, a dar a volta pelas empresas conhecidas e a descobrir outras. Que vou pedir? Emprego para dezena e meia de filhos que estão na hora de se preparar para o salto da autonomia. Esta é a ajuda mais nobre que poderei receber. Se é verdade que a matemática dos 16, 18 e mais anos de idade não pode funcionar para a saída da Casa do Gaiato, assim acontece nas casas de família, não é menos verdade que a autonomia é uma meta conveniente e necessária para a circula-

ção de vida nova. Se não saírem, outros não poderão entrar.

Há, pois, necessidade de criar condições. Uma delas, muito importante, é o emprego. Depois de fazerem o curriculum escolar, até onde forem capazes, vem a hora da integração no mundo do trabalho. A maior parte dos rapazes aproveita a formação integrada. Os tempos livres da escola e do estudo são ocupados nas oficinas de carpintaria, serralharia, electricidade e outras actividades. Na medida do possível, frequentam cursos de formação profissional. Deste modo, levamos as mãos cheias de riqueza humana para oferecer às empresas que trabalham para o engrandecimento do país. É uma missão sublime, não há dúvida. Quem me dera ter sempre pernas para andar e coração para amar.

Contudo, não podemos andar sem a tua ajuda. Nem podemos amar sem a tua doação.

Padre Manuel António

Moçambique

Continuação da página 1

motorista que parou. Era um sumaliano que o meteu dentro do contentor que transportava carvão. Quisemos saber que carvão, se de lenha se de pedra, ou seria até droga. Ele diz que transportava pedra preta, que tem ouro, para levar para a África do Sul.

Mas veio da Zâmbia por Moçambique e entregou-o num posto de Polícia e daí foi levado para o ACNUR, donde veio para nossa Casa. Ao ouvir os seus relatos, ia-me passando pela mente o drama de tantos outros seus irmãos e companheiros que ficaram prostrados nas ruas pelas balas ou desfeitos em suas casas pelas bombas dos aviões. Quanto horror deflagrado pelo ódio que levou os ruandeses e ugandeses a invadir aquele rico território do Congo. Que milagre ter escapado incólume este rapaz. Que contraste terá ele sentido na sua alma, após os momentos de acolhimento que lhe demos.

Chegou pela tarde. Daí a umas horas subíamos para a oração. Como o nome oficial é muçulmano, perguntei se queria acompanhar-

-nos e ele foi. Sem saber rezar, como nós, deve ter estado muito atento ao que ali se passou. Quando no dia seguinte, no fim da oração, fiz a pergunta da praxe: «Alguém tem alguma coisa a dizer», imediatamente se pôs de pé e, em voz alta, que a todos espantou, disse só: «Obrigado, Deus!» Também nós sentimos todos uma alegria imensa e uma gratidão que vem do fundo da alma por Deus nos ter aqui, para acolher-te em nossa Família.

Padre José Maria

PENSAMENTO

Aonde houver ostentação não pode haver amor.
As duas coisas não cabem no mesmo saco.

PAI AMÉRICO